



01

ISSO NÃO PODIA ESTAR
ACONTECENDO COMIGO.

Foi bem previsível. Quando alcancei o degrau em direção a um lugar na segunda fileira, um pé surgiu diante do meu e me fez tropeçar. Lilian-Marie Whitehead, com seu novo corte de cabelo muito curto e que combinava com ela, nem se deu ao trabalho de fingir que não foi intencional.

— Dormir com aquelas ovelhas nas férias te deixou mais lerda, esquisita? — fungou o ar com expressão de nojo — O cheiro delas está bem forte.

Seus amigos, entre eles, Madeleine, que a esperavam, riram.

Enquanto eu me levantava e limpava os joelhos, a garota passou por mim e foi tomar um lugar junto do grupo.

Que tolice pensar que com a chegada do último período da graduação, alguma coisa pudesse ter mudado.

Ignorando os olhares debochados, juntei minha mochila caída e encontrei um lugar.

Eu estava mais perto agora, mais perto do que há quase quatro anos, de chegar à próxima etapa. Muita coisa estava em jogo. Era por isso que eu não ligava para Madeleine, seus amigos, e todo o resto. Eu tinha um objetivo em Brigid.

Em seis meses eu me tornaria graduada em Neurociências.

Em seis meses tudo pelo que eu vinha lutando estaria mais perto de ser alcançado.

Peguei meu laptop da mochila, canetas e um caderno, e a guardei debaixo da cadeira. Não olhei para os lados para saber o que os demais alunos faziam enquanto esperavam. Se estavam tão ansiosos quanto eu para o anúncio das regras do trabalho final.

Mal consegui dormir desde que voltei das férias de verão.

Vinha me preparando demais, pesquisado muito sobre o que eu tinha em mente, sabia exatamente o tema que escolheria para meu projeto de conclusão de curso. Mas isso não me impediu de batucar os pés no chão enquanto o Professor Sanderson não entrava.

Tudo para mim, no momento, dependia desse semestre.

Eu precisava iniciar essa pesquisa. Precisava do prêmio em dinheiro que a universidade dava ao ganhador. E precisava da bolsa de mestrado que vinha para quem alcançasse a nota mais alta.

Não podia falhar de jeito nenhum.

O som da porta de madeira escura se abrindo atraiu todos os olhares. Um silêncio expectador se estendeu pela sala acompanhando os passos seguros e tranquilos do Sr. Sanderson, um homem alto na casa dos cinquenta anos, até sua mesa no centro, diante do quadro preto que ocupava toda uma parede.

Enquanto observava cada movimento do professor, ao retirar lentamente seu computador da pasta de couro desgastada e o abrir sobre a mesa; ir até o armário acomodar metodicamente o guarda-chuva e a capa preta que vestia por cima do terno, obriguei-me a aspirar profundamente.

O cheiro, uma mistura da madeira, dos painéis que revestiam as paredes da sala, e cera, penetrou meu peito.

Essa seria a memória olfativa que sempre me faria lembrar de Brighid.

Um sentimento meio melancólico rapidamente desviou minha atenção. Se tudo saísse como eu desejava, a universidade ainda seria o meu lugar por ainda mais alguns anos. Mas se não, então eram meus últimos meses aqui, minha despedida.

Sem a bolsa, eu não tinha qualquer chance de bancar um mestrado, ou mesmo uma especialização com recursos próprios. A graduação já significou uma dívida enorme de empréstimos. Não havia de onde sair mais dinheiro para o que vinha depois, e neste caso, tudo estaria perdido.

Pânico não ajuda em nada.

Canalizei essa energia, a reconheci e afastei o pensamento.

Percebia que minha ansiedade estava mais constante, tentava me sabotar. A última coisa que eu precisava agora era dar vazão às inseguranças e o medo.

Lá embaixo, o professor finalmente se encostou sobre a borda de sua mesa, limpou a garganta, empurrou os óculos de armação retangular preta para cima com a ponta do dedo, e olhou para a turma.

— A fama da Escola de Ciências novamente se confirma — percorreu seus olhos escuros por nós com um sorriso — Talvez se lembrem que o Reitor Roettgers disse à vocês, em seu primeiro dia aqui, que apenas trinta por cento dos que estavam iniciando nesta Escola chegariam ao final. Infelizmente, há pouca variação nessa estimativa a cada ano.

Discretamente, por curiosidade, olhei em volta e notei que só havia talvez dez de nós.

Acho que todo mundo fez o mesmo.

O professor continuou:

— Como sabem, sou Eamonn Sanderson, leciono Química Orgânica, e neste semestre, porque me escolheram, serei também o coordenador do trabalho de Pesquisa Multidisciplinar de Conclusão de Curso de vocês, então bom dia, meus jovens, bem-vindos e vamos aos trabalhos! — todo aluno cursando o último período de qualquer um dos cursos da Escola de Ciências precisava escolher um orientador. Escolhi o Sr. Sanderson porque ele era um dos melhores de Brighid. Acho que foi a razão de todos aqui.

Uma sucessão ansiosa de “bom-dia” percorreu a acústica da sala.

O professor apontou o controle para o esquema de projeção e uma lousa branca desceu sobre o quadro. Nele, o brasão da Escola de Ciências se estendeu na tela com o desenho de uma Triquetra, símbolo do deus celta que nos representava, Goibhniu - deus da arte da ourivesaria. As lendas diziam que ele formulou uma poção da imortalidade, o elixir da vida eterna.

Cada uma das seis Escolas da Universidade de Brighid era representada por um deus celta, e trazia no brasão um símbolo que o remetia.

A Escola de Direito, era por Brehon, deus guardião da lei e da justiça, cujo símbolo era o desenho de um Awen - O equilíbrio.

A Escola de Medicina, por Leigheas, a deusa curandeira, simbolizada pela Árvore da Vida.

A Escola de Negócios, Riarthóit, deus do domínio sobre ferreiros e ofícios em geral, trazia o desenho de uma Roda de Taranis.

A Escola de Artes e Humanidades, por Ogham, deus da eloquência, da poesia, escrita e teatro, inventor do alfabeto oracular, cujo símbolo no estandarte era o da Pena do Inventor – o coração da humanidade envolto por dois braços.

E a Escola das Engenharias, que tinha como representante Tógálaí, o deus construtor, e o símbolo de um Trevo Celta em seu estandarte. O desenho simbolizava a construção perfeita e espelhada de três partes.

Estandartes enormes com os brasões de cada Escola estavam fixados sobre os respectivos prédios no campus.

Esse clima celta medieval era a grande marca da Universidade de Brighid, uma das mais antigas do Reino Unido, fundada em 1512 em um castelo ancestral que antes abrigava um mosteiro, na colina ao lado do vilarejo de Beannaithe, no condado de Londonderry, Irlanda do Norte. O próprio nome e brasão da universidade representavam a principal deusa da cultura celta, Brighid, e o principal símbolo: a cruz celta.

Havia uma estátua dela em frente ao prédio da reitoria, uma jovem de cabelos ondulados e compridos soprados ao vento, e uma chama de fogo entre as mãos.

A Universidade de Brighid não era somente uma das mais tradicionais, era também a mais concorrida de toda a Europa e uma das mais concorridas do mundo. A cada semestre, apenas trinta vagas para cada curso eram ofertadas, para uma concorrência de mais de dois mil candidatos por vaga vindos de todos os continentes.

Talvez se devesse ao sistema de ensino, que interligava os cursos de cada área de conhecimento em divisões de Escolas como um grande organismo. Na Escola das Ciências, por exemplo, Astrofísica; Biologia; Química; Física; Ciências Planetárias e da Terra; Ciência Ambiental; Matemática e Neurociências, dividiam matérias, recursos, campos de estudo, promovendo pesquisas interdisciplinares que se tornariam referência para o mercado.

O mundo estava atento ao que acontecia aqui.

Os professores eram os mais preparados de suas áreas.

Os alunos, os mais disputados no mercado de trabalho, e os mais competitivos entre si.

E eu, uma escocesa de vinte anos, vinda de um povoado de dois mil habitantes, tinha conseguido entrar. Estava aqui. Prestes a avançar mais um degrau no que eu mais desejava.

— ...e a srta. AnamSaor — me sobressaltei ao ouvir meu sobrenome.

Não percebi que havia me distraído até encontrar os olhos suaves do Sr. Sanderson.

— Como sempre, a espantallo fedida está no mundo da lua — Madeleine Roberts cantarolou baixinho, irônica, fazendo seus amigos se engasgarem com risadinhas, entre eles Lilian-Marie.

— Desculpe, senhor? — murmurei, constrangida com a atenção que recebia.

— Eu disse, Srta. AnamSaor, que você e a Srta. Roberts são as únicas representantes de Neurociências em minha classe — o professor esclareceu com bondade —... portanto, não poderão compor uma dupla.

— Uma dupla? — minha voz soou mais alta e estridente que o normal.

— O projeto final este ano será constituído por duplas, senhores — Sr. Sanderson anunciou para toda a turma, levantando-se e circulando a mesa — Pré-escolhidas por mim. Anunciarei seus respectivos pares e as novas regras agora.

Ecos de “*o quê?*” “*O que foi que ele disse?*” “*Ovniu isso?*” “*Duplas, como assim?*” retumbou em ondas caóticas pela sala... mas se tornou um som distante, porque me senti imediatamente sendo tragada para o fundo de um lago de água densa e escura.

Não, não, não.

Não podia ser.

Não podia estar acontecendo.

Jamais conseguiria o que precisava se fosse obrigada a trabalhar com alguém.

Nem sabia como fazer isso, na verdade. Me acostumei a ser a menina solitária e estranha, com nome estranho, que cheirava à ovelhas – como Madeleine e seu grupinho gostavam de falar – a que vivia no mundo da lua.

Minha pesquisa já tinha um tema. Eu já tinha material.

Precisava dela.

Precisava que desse certo.

Meu peito começou a queimar. Não conseguia respirar. Estava entrando em pânico.

— Sr. August Alwyn e Srta. Lilian-Marie Whitehead.

Alheio ao terror acontecendo dentro de mim, uma a uma, as duplas iam sendo anunciadas.

— Sr. Gabriel Charles Pugh e Srta. Lisa Eastwood.

A voz distante do professor era subjugada pelas batidas desesperadas no meu peito.

— Srtas. Naomi Chéng e Madeleine Roberts.

À este anúncio, um som genuíno e agudo de engasgo me fez emergir parcialmente do pânico para olhar à minha esquerda, onde o grupinho, que incluía August, Lilian-Marie, Gabriel, e Naomi (enrubescida), olhava estarecido e cauteloso para sua líder, Madeleine (que estava ainda mais vermelha).

A razão, eu podia deduzir. Madeleine jamais teria escolhido Naomi Zii Chéng. Naomi era o ponto fraco entre eles. Apesar de seus esforços em manter a arrogância e superioridade dos demais, ela nem sempre conseguia as mesmas notas que os amigos, era insegura e hesitante.

— Sr. Benedict Mosseley e Srta. Rose Weastbrooke — o burburinho cresceu. Mosseley era um aluno de Física que, no ano anterior, havia tido uma briga séria com o namorado de Rose, um estudante de Direito, durante uma partida de Hurling que resultou na expulsão do garoto.

— E por fim, Sr. Darren Han-Harewood e Srta. Gealach AnamSaor.

À esta última declaração, a sala de repente silenciou drasticamente. O zumbido do processador do laptop do professor podia ser escutado em alto e bom som. O vento fazendo curvas pelo castelo lá fora. Até mesmo passos do outro lado do campus, se fosse possível, porque todos os alunos simplesmente petrificaram.

Devagar, muito, muito devagar, cabeças foram virando para trás, uma a uma, inclusive a minha, para a última fileira lá em cima, em direção ao garoto mais rebelde, desafiador e popular que provavelmente Brighid já conheceu.

Darren era alto, bem alto. Bonito demais para não se destacar. Possuía um físico do tipo atlético. Mandíbula quase cortante, de tão delineada. Cabelos grossos e pretos, olhos muito escuros... e penetrantes, que me encontraram por um instante longo demais, antes de ele simplesmente se levantar, pegar a mochila e abandonar a classe do Sr. Sanderson, lançando um último olhar intenso na direção do professor.

Maravilha.

Ele não queria trabalhar comigo, tanto quanto eu não queria trabalhar com ele.